

QUINTA-FEIRA 12 FEV.

12 de Fevereiro de 2026

Ano 04 - Nº 171

Director: S. Malumbe

Edição: Esférico

www.jornalgungu.co.mz

DICCA

Propriedade: DICCA, Publicidade e Marketing

Travessa do Varietá nº 21 - 57 - R/C

Registo: 019/GABINFO/DEPC/2005

34
ANOS

GUNGU

DESDE 1992

“A GRANDE FAMÍLIA”



**EM SESSÃO DUPLA
NO DIA 14 DE FEVEREIRO**

 icca Teatro

“A GRANDE FAMÍLIA” EM SESSÃO DUPLA NO DIA 14 DE FEVEREIRO

A Companhia de Teatro Gungu volta a levar ao palco a peça “A Grande Família” no próximo dia 14 de Fevereiro, Sábado, com uma programação especial que inclui sessão dupla, às 16h00 e às 18h30. A iniciativa promete reunir o público para mais um momento de celebração do teatro nacional, numa produção que tem conquistado admiradores e enchido a sala.



Antes da sessão dupla de Sábado, haverá ainda uma apresentação na sexta-feira, às 18h30, marcando o arranque de um fim de semana inteiramente dedicado à peça. Já no Domingo, também às 18h30, realiza-se a última sessão da semanaX

“A Grande Família” é uma produção que aborda as dinâmicas familiares, os conflitos geracionais e os desafios do país, recorrendo a uma linguagem acessível e situações comuns, capazes de despertar risos e reflexões ao longo da apresentação. A narrativa envolve o público numa história vibrante, repleta de humor, emoção e momentos que espelham as relações e desafios do quotidiano familiar.

Com um elenco experiente composto por Beatriz Munguambe, Emelda Macamo, Juju Rombe, Horácio Guiamba, Samuel Malumbe e Gilberto Mendes, a peça destaca-se não apenas pela qualidade interpretativa, mas também pelo cuidado estético e pela cenografia detalhada, que transporta o espectador para um universo cheio de vida e autenticidade.

A Companhia de Teatro Gungu reafirma, com esta produção, o seu compromisso com a valorização e elevação da cena teatral nacional, apostando em conteúdos que dialogam com a realidade social e fortalecem a ligação entre artistas e público.

Os bilhetes encontram-se disponíveis na bilheteira do Cine-Teatro Gilberto Mendes e também na versão online, através do link(<https://www.gungu.online/book/maputo>), ao preço único de 500MT. A organização recomenda a aquisição antecipada, tendo em conta a forte adesão que a peça tem registado.

Com três dias consecutivos de exibição — Sexta-feira às 18h30, Sábado (14 de fevereiro) em sessão dupla às 16h00 e 18h30, e Domingo às 18h30 — “A Grande Família” afirma-se como uma das propostas culturais imperdíveis da semana, convidando o público a celebrar, rir e refletir em torno dos laços que nos unem.

COMPANHIA DE TEATRO GUNGU DISPONIBILIZA VENDA ONLINE DE BILHETES PARA OS SEUS ESPECTÁCULOS

Já é possível adquirir bilhetes online para assistir aos espectáculos da Companhia de Teatro Gungu, numa iniciativa que visa facilitar o acesso do público às produções teatrais do grupo e modernizar o processo de venda.

A compra pode ser feita de forma simples e segura através da plataforma digital, disponível no link <https://www.gungu.online/book/maputo>, permitindo que os espectadores garantam os seus lugares sem necessidade de deslocação física.

Com esta opção, a Companhia de Teatro Gungu pretende aproximar-se ainda mais do seu público, acompanhando as tendências actuais de consumo cultural e promovendo maior comodidade para os amantes do teatro.

A iniciativa vai abranger os diferentes espectáculos em cartaz, reforçando o compromisso da Gungu com a inovação, a acessibilidade cultural e a valorização das artes cénicas no país. A plataforma foi concebida para ser intuitiva e acessível, permitindo que o público consulte informações sobre datas, horários e locais dos espectáculos, bem como os preços dos bilhetes, tudo num único espaço digital.

Com esta nova ferramenta, a Companhia de Teatro Gungu reafirma o seu papel como agente activo na dinamização da cultura, convidando o público a aderir à compra online e a continuar a prestigiar o teatro nacional.



MÉTODOS DE
PAGAMENTOS
DISPONÍVEIS

para compra de bilhetes online em:
www.gungu.online



PUBLICIDADE

ANUNCIE AQUI

DICCA

CONTACTOS: 84 64 52 701 / 82 82 83 040

icca Teatro

CLUBE DA + CULTURA

GTV
GUNGU TELEVISÃO

QUARTA-FEIRA
17H:30

BEATRIZ MUNGUAMBE
Apresentadora

tv cabo
CANAL 8

YouTube
GUNGU TELEVISÃO

StarTimes
CANAL 10

facebook
GUNGU TELEVISÃO

CLUBES JÁ PREPARAM O MOÇAMBOLA 2026 MESMO SEM DATA PARA O INÍCIO DA PROVA

Alguns clubes moçambicanos já deram início aos trabalhos tendo em vista um bom desempenho na época 2026, mesmo sem haver um posicionamento oficial sobre o início e o modelo de disputa do Moçambola, principal competição do futebol nacional.

A edição passada do Moçambola terminou de forma atípica, sem que todas as jornadas previstas fossem realizadas, devido a constrangimentos financeiros e logísticos. Entre os principais problemas estiveram dívidas relacionadas com o transporte aéreo das equipas participantes, que acabaram por comprometer a conclusão normal da prova.

Apesar das incertezas, clubes como Ferroviário de Maputo, Associação Black Bulls e o Maxaquene (que regressa este ano ao convívio dos "grandes" do futebol nacional) já anunciaram o arranque da pré-época. As equipas iniciaram os treinos sem, no entanto, terem garantias sobre a data oficial de início da competição, o formato em que será disputada ou mesmo a confirmação definitiva da sua realização.

O atraso na definição do quadro competitivo levanta dúvidas no sobre uma eventual repetição dos problemas verificados na temporada passada. A ausência de informações concretas calendário e garantias financeiras da prova coloca em causa a estabilidade do futebol nacional.

O futuro do Moçambola permanece, para já, envolto em incerteza, enquanto se aguarda uma posição oficial que possa trazer maior clareza ao panorama futebolístico nacional.



PUBLICIDADE

ANUNCIE AQUI

icca

CONTACTOS: 84 64 52 701 / 82 82 83 040

CONEXÕES
DO GUN


GUNGU TELEVISÃO

TODAS AS

Sextas-Feiras
21H30

REPETIÇÃO

Domingo
17H00

É Mais Feliz quem Assiste.

tv cabo
CANAL 8

 **YouTube**
GUNGU TELEVISÃO

 **StarTimes**
CANAL 10

facebook
GUNGU TELEVISÃO

MAMBINHAS PREPARAM-SE PARA O CAN SUB-17

A Seleção Nacional de Sub-17 já trabalha com foco na participação no Campeonato Africano das Nações (CAN) da categoria, que terá lugar em Abril, em Angola.

O seleccionador nacional, Luís Guerreiro, chamou 32 jogadores para esta etapa preliminar, combinando talentos que actuam no campeonato nacional e no estrangeiro. A lista integra sete atletas que evoluem fora do país.

De Espanha foram convocados Tiago Francis (Desportivo Mosquito) e Eros Monteiro (Alcocom). De Portugal chegam Muhammed Omar (Vitória de Setúbal) e Ricky Santos (Famalicao). A estes juntam-se António Nhampule (SG Eintracht, Alemanha), Khensani Machel (Curitiba, Brasil) e Kevin Vilanculos (Allashornetts, Estados Unidos da América).

A Associação Black Bulls destaca-se como o clube mais representado, com dez atletas, confirmando o investimento contínuo na formação. Allan Perreira, Diego Pelembe e Chausson Nhabanga encabeçam o grupo, acompanhados por Ricardo José, Nelton Picardo, Demi Pascoal, Pires Vieira, Jaydane Namali, Joel Catamo e Carlos Júnior.

O Costa do Sol surge com cinco jogadores: João Jofrisse, Kristoph Machava, Shelton Siteo, Joaquim Mubai e Valentim Pecane. A Academia de Dondo foram chamados Marcos Lázaro e João Pega, enquanto o Ferroviário de Quelimane coloca Inácio Luís e Joel Francisco na lista. Integram ainda os pré-convocados Rodolfo Sérgio e Hanifo Madeira (Ferroviário de Maputo), Sekou Kante (Académica de Maputo), Cloude Bangue (Ferroviário da Beira), Euclésio Nhamossa (Atlético de Moçambique) e Steys José (Ferroviário de Nampula).

Moçambique garantiu presença no CAN Sub-17 após terminar na terceira posição da Taça COSAFA, disputada em Zimbabwe ano de 2025, um feito que reflecte o crescimento do futebol juvenil nacional.

Vale lembrar que a (FMF) tem registado avanços significativos, a nível das selecções nacionais como na melhoria das condições organizativas e competitivas.

A qualificação dos Mambinhas para o CAN, tal como outros resultados alcançados pelas diferentes selecções nacionais, evidencia um ciclo de maior presença e afirmação de Moçambique a nível de África.

Com os trabalhos em curso, a equipa técnica pretende avaliar o rendimento do grupo antes de anunciar a convocatória final. A expectativa é elevada, num momento em que o futebol moçambicano vive sinais encorajadores de crescimento e renovada ambição no cenário continental.



MOÇAMBIQUE GANHA EXPERIÊNCIA NO AFRICANO DE BILHAR

Os jogadores moçambicanos que integram a Associação Provincial de Bilhar de Tete fizeram história ao representar Moçambique, pela primeira vez, no Campeonato Africano da modalidade, que teve lugar de 2-9 de Fevereiro na vizinha África do Sul, concretamente na cidade de Durban.

Moçambique foi representado por três jogadores que destacam a experiência adquirida no evento continental que reuniu os melhores da modalidade no continente.

"A participação foi boa, foi algo diferente daquilo que eu já estava habituado. Depois deste campeonato passo a olhar o Bilhar de uma outra forma", referiu Irvin Muthalane.

"É gratificante para nós estarmos neste nível. Infelizmente não ganhamos nenhuma medalha ou Taça mais saímos vitoriosos por poder fazer parte deste evento e voltar cheios de muito experiência", avançou Dilma Machele.

"Foi um grande aprendizado estar aqui. Cada jogador que esteve cá presente trouxe muito aprendizado para mim. Levo muita experiência para que no futuro próximo esteja mais activo", referiu Flávio de Sousa.

O presidente da Associação de Bilhar da Província de Tete, garante a continuidade do trabalho árduo para massificar e profissionalizar a modalidade no país.

"Vamos continuar a trabalhar juntos. Todos moçambicanos estão convidados a fazer parte deste movimento. O nosso sonho vai se tornar realidade, e quero dizer que pretendemos tirar a juventude do álcool e das drogas. Esta é a batalha de todos os moçambicanos", concluiu Miguel Huhu, presidente da ASSOPRIBIL-TETE.

Em Janeiro, a ASSOPRIBIL realizou o primeiro evento internacional de Bilhar no país e que contou com a participação de jogadores do Reino de Eswatini. No dia 31 de Janeiro a agremiação realizou um Campeonato beneficente para apoiar as vítimas das cheias em Moçambique.



LESÃO: GENY FORA DOS RELVADOS POR DUAS SEMANAS NO MÍNIMO

O internacional moçambicano, Geny Catamo, sofreu uma lesão muscular no último clássico frente ao FC Porto que terminou empatado a uma bola (1-1), e vai ficar afastado dos relvados no mínimo, por duas semanas, avança a Sport TV esta quarta-feira(11).

O extremo foi titular no encontro e acabou por sair queixoso, tendo os exames médicos confirmado uma lesão muscular que o obriga a parar temporariamente. A ausência representa um desfalque para a sua equipa, que perde uma das peças importantes e decisivas do sector ofensivo.

O clássico ficou igualmente marcado por momentos de polémica nos instantes finais. O jogo gerou forte contestação depois de apanha-bolas do FC Porto terem retirado três toalhas do guarda-redes do Sporting e alegadamente escondido bolas nos minutos que antecederam o golo do empate, situação que incendiou o debate no pós-jogo.

Para Geny Catamo, a paragem surge num momento de grande forma e regularidade competitiva. O moçambicano será, assim, baixa confirmada durante cerca de duas semanas, período em que deverá cumprir tratamento e recuperação, visando regressar à competição o mais rápido possível.



PUBLICIDADE

**ANUNCIE
AQUI**

DICCA

CONTACTOS: 84 64 52 701 / 82 82 83 040

FUTEBOLISTA BRASILEIRO SOFRE CONVULSÃO DURANTE UMA PARTIDA

O futebolista brasileiro, Alexandre Souza, de 24 anos, que representa o Sampaio Corrêa, um clube de futebol brasileiro de São Luís, capital do estado do Maranhão, sofreu uma convulsão durante o jogo frente ao Flamengo, a contar para o Campeonato Carioca, gerando momentos de grande apreensão dentro de campo.



O incidente ocorreu quando o jogador corria normalmente durante a partida e, de forma repentina, caiu no relvado, chamando de imediato a atenção dos colegas, adversários e da equipa de arbitragem, que prontamente chamaram a equipa médica. A equipa médica entrou em campo para prestar os primeiros socorros, enquanto uma ambulância era chamada para a remoção do atleta.

Durante o atendimento, jogadores do Sampaio Corrêa e do Flamengo uniram-se numa corrente de oração e tentaram auxiliar, abanando o atleta com as camisolas, numa tentativa de aliviar a situação até à chegada da ambulância.

Alexandre Souza foi transportado para uma unidade hospitalar, onde chegou consciente. No entanto, já no hospital, voltou a sofrer uma nova convulsão. Apesar do susto, o jogador encontra-se estável e consciente. De acordo com informações médicas, foram descartadas lesões de origem cardiológica ou neurológica.

Segundo apurou a DICCA, o futebolista esteve envolvido num grave acidente de mota em 2024, episódio após o qual muitos adeptos o consideraram um verdadeiro “milagre vivo”, dada a recuperação alcançada.

NO CONEXÕES DO GYL: PROMOTORES DE ESPECTÁCULOS DENUNCIAM CRISE E DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA MOÇAMBICANA

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, alertou para o agravamento do caos na ordem mundial, afirmando que o planeta atravessa um dos períodos mais instáveis das últimas décadas. A declaração foi feita durante um discurso oficial nas Nações Unidas, no qual sublinhou que os princípios fundamentais do multilateralismo estão a ser postos em causa

A crise vivida pelos promotores de espectáculos em Moçambique foi debatida no programa Conexões do Gyl, que reuniu profissionais do sector do entretenimento para analisar as dificuldades enfrentadas na promoção de eventos culturais no país.

Durante o debate, a promotora de eventos Arnissa Waite afirmou que a realidade dos promotores é cada vez mais difícil, marcada pela falta de recursos financeiros e de apoio institucional. “A vida dos promotores de eventos em Moçambique não está muito boa. Estamos coxos porque não há dinheiro, não há patrocínio. Estamos a levar por amor à camisola”, declarou.

Questionada pelo apresentador, Gilberto Mendes, sobre as causas da situação, Arnissa explicou que a cultura nacional atravessa um período crítico, sobretudo devido a ausência de patrocinadores. Segundo ela, actualmente, restam apenas “um ou dois patrocinadores no máximo”, que ainda fazem uma selecção rigorosa de com quem trabalham.

Por sua vez, o promotor de eventos Laser Pecado, também convidado do programa, reforçou as críticas e revelou ter submetido uma carta à Presidência da República, onde apresenta reclamações e propostas para melhorar a situação dos promotores de espectáculos. Para ele, a desvalorização da cultura não é recente. “Há mais de 50 anos que o sistema deixou de valorizar a cultura, desde o Governo, passando pelos promotores, até à sociedade civil”, afirmou.

O promotor defendeu ainda que o Estado deve investir no sector cultural da mesma forma que investe noutras áreas estratégicas. “Queremos que, da mesma maneira que o Estado tira 130 milhões para a agricultura, tire também 130 milhões para a promoção de eventos”, afirmou, sublinhando que o entretenimento também movimenta a economia.

“Quando fazemos eventos, os bancos e outros sectores ganham”, acrescentou.

Esta edição do Conexões do Gyl também contou com a participação de Cipriano Josine, gestor de redes sociais, que concordou com os colegas de painél e apontou a falta de educação cultural como um dos principais problemas. Segundo afirmou, as redes sociais podem ensinar as pessoas sobre a importância da cultura, mas considera que a falha começa nos próprios meios de comunicação social.

“Nas televisões quase não se ensina sobre a cultura, as músicas e as danças moçambicanas. Somos bombardeados com conteúdos internacionais”, afirmou. Para Josine, esta realidade faz com que o público valorize mais artistas estrangeiros do que os nacionais, desmotivando tanto o consumo de eventos locais como o surgimento de novos artistas.

Em tom conclusivo, o apresentador do Conexões do Gyl reconheceu as preocupações levantadas e lamentou a redução significativa de espectáculos no país. Segundo ele, Moçambique já não vive o mesmo dinamismo cultural de outros tempos, marcado por concertos e eventos nacionais frequentes.



GUNGU CINEMAS



NO SHOW DA MANHÃ: SECRETÁRIA DE ESTADO DAS ARTES E CULTURA PARTILHA TRAJECTO PESSOAL E PROFISSIONAL

O surgimento de cabelos brancos em jovens tem chamado a atenção de especialistas e da sociedade em geral, tornando-se um fenómeno cada vez mais comum. Embora tradicionalmente associado ao envelhecimento, o embranquecimento precoce dos cabelos ocorre hoje em pessoas ainda na adolescência ou no início da vida adulta, levantando dúvidas e preocupações.

O programa Show da Manhã da Gungu TV, apresentado pela carismática Eunice Andrade, esteve à conversa, na rubrica Cá Entre Nós, com a Secretária de Estado das Artes e Cultura, Matilde Muocha, que partilhou momentos marcantes da sua vida pessoal e profissional.

Durante a entrevista, a Dra. Matilde falou abertamente sobre a sua paixão pela História e pelas artes, os tropeços enfrentados ao longo do percurso e os processos de superação que moldaram a sua trajectória.

Formada em História, Matilde Muocha revelou que o seu interesse pela área começou de forma descontraída, inicialmente por diversão. Desde cedo, desenvolveu o hábito da leitura por prazer, movida pela curiosidade de conhecer mais sobre a História de Moçambique e por livros que despertam o interesse em aprofundar o conhecimento e a reflexão.

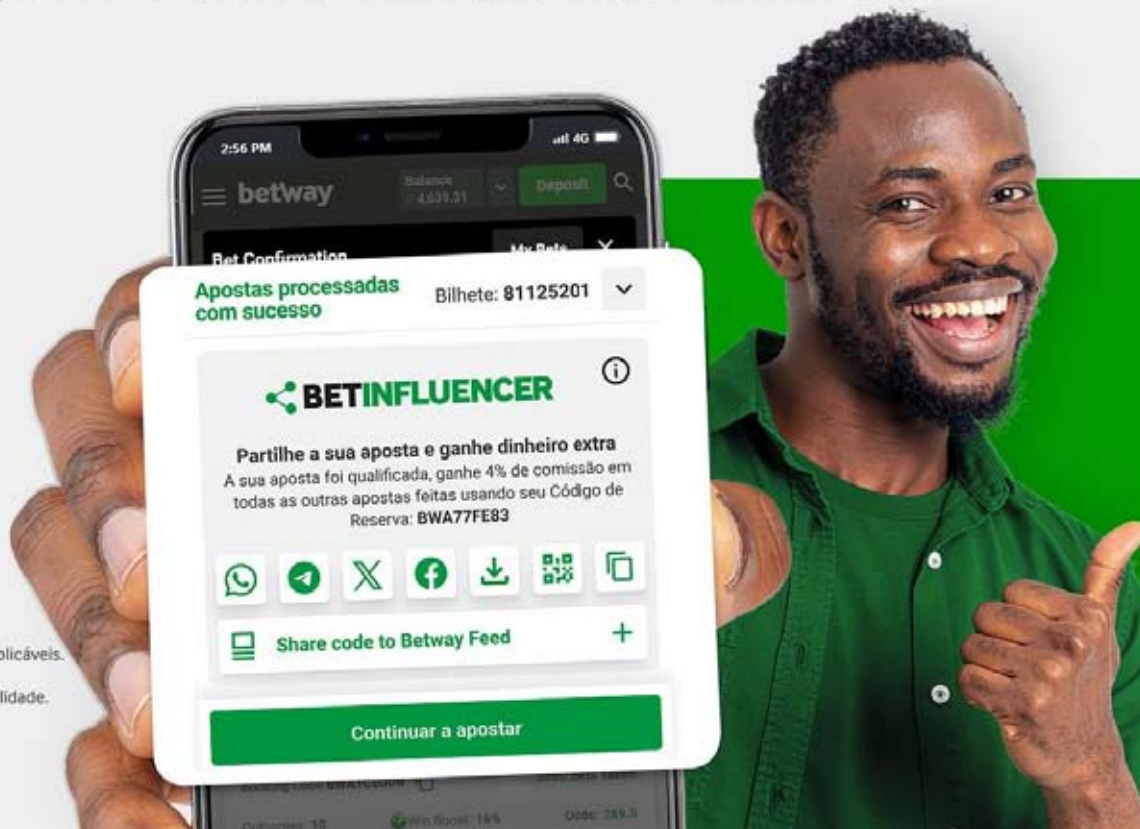
A dirigente explicou ainda que a leitura ocupa um lugar essencial na sua vida. Segundo afirmou, ler ajuda-a a manter o equilíbrio emocional, evita pensamentos excessivos e permite-lhe aprender continuamente. A entrevistada destacou o seu gosto particular por livros biográficos, que considera inspiradores e enriquecedores.

Sobre a obra “Indústrias Culturais e Criativas”, Matilde Muocha esclareceu que a motivação para a escrita surgiu da necessidade de abordar conceitos que, até então, eram mais discutidos ao nível da diáspora. Em Moçambique, segundo explicou, havia pouco conhecimento e reflexão estruturada sobre as indústrias culturais e criativas, o que a levou a contribuir para o debate e para a valorização do sector no contexto nacional.



um dos vários
benefícios betway

QUALQUER UM PODE SER UM
BETINFLUENCER
FAÇA DINHEIRO EXTRA. PARTILHE O SEU CÓDIGO



Termos e condições aplicáveis.
Para maiores de 18.
Jogue com responsabilidade.

 **Dicca Crónicas do GYL**

SIDAT: NÓS AMAMOS ODIAR-TE OU ODIAMOS AMAR-TE

Ando chateado com o Presidente da Federação Moçambicana de Futebol, Feizal Sidat, cuja liderança tem o raro defeito de responder com resultados...esse incómodo hábito de calar o barulho com trabalho feito.

Num tempo em que confundimos crítica com profecia do fracasso e torcemos mais pela queda do que pela evolução, a sua trajectória à frente da Federação Moçambicana de Futebol tem sido uma sucessão teimosa de conquistas que insistem em contrariar a nós, pessimistas e detratores profissionais.

Enquanto nos especializamos em análises de bancada, doutorados que somos em “eu já sabia que ia dar errado”, a realidade, que me irrita, vai assinando outro guião:

Mambas nos oitavos-de-final do CAN Marrocos 2025;

Mambinhas Sub-17 qualificados para o CAN 2026;

Duas qualificações consecutivas dos Mambas para o CAN;

Presença no CHAN,

Duas presenças nos CANs Sub-20;

Duas qualificações no futebol de praia;

E agora a selecção de futsal apurada para o CAN 2026;

E para me chatear ainda mais deu-se ao luxo de levar Moçambique ao Campeonato do Mundo de futebol de praia.

Esse bay é atrevido.

Como se competir e vencer não bastasse, há também a ousadia de organizar e entregar eventos internacionais com padrão e qualidade:

-O CAN de futebol de praia em Vilankulo (2022);

-O lançamento dos Jogos Escolares da CAF (2023) e o COSAFA Sub-20 (2024). Coisas pequenas...quase invisíveis...que só me irritam ainda mais.

A liderança de Feizal Sidat tem sido essa afronta silenciosa aos muitos nós que preferem o ruído do que progresso: trabalho consistente, visão estratégica e a capacidade rara de transformar cepticismo em estatística favorável.



(Continua na pág. seguinte)

(Continuação)



No meio de tanto palpite inflamado e memória curta, os factos continuam ali, teimosos, públicos e inegáveis, lembrando que, no futebol e na vida, há quem fale de resultados... e há quem os construa.

Feizal Sidat, NÓS AMAMOS ODIAR-TE ou ODIAMOS AMAR-TE.

Os meus parabéns, com uma dorzinha aqui na pontinha do cotovelo.

E não é sobre o meu cotovelo que estou a falar.

Confesso que a situação está a tornar-se insustentável. Um homem não pode viver em paz quando insiste em contrariar a tradição nacional de prometer muito e entregar pouco. Feizal Sidat, com esse vício quase antissocial de apresentar trabalho feito, tem vindo a criar um perigoso precedente no nosso futebol: o de provar que, afinal, é possível fazer.

Esta situação já ultrapassou o nível do incómodo institucional e entrou perigosamente no campo da perturbação emocional.

Esse bay continua a praticar aquele desporto altamente suspeito em Moçambique: trabalhar e apresentar resultados. Uma atitude claramente incompatível com a nossa cultura profundamente enraizada de discutir pessoas enquanto adiamos soluções.

Quando foi Vice-Presidente da FMF, já demonstrava sinais claros de reincidência produtiva.

Já dava sinais claros de que o seu comportamento podia tornar-se um problema sério para os amantes do “deixa andar”.

Foi cúmplice, sim, cúmplice, da criação da Liga Moçambicana de Futebol, esse inconveniente instrumento que trouxe organização onde antes havia aquela saudável improvisação que tanto nos caracteriza. Esse atentado organizado contra o amadorismo romântico que durante anos nos permitiu competir com regulamentos escritos a lápis e apagados com borracha

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação)

emocional.

Teve também a ousadia de meter o dedo (e provavelmente os dois pés) no processo de construção do Estádio Nacional do Zimpeto, no âmbito da candidatura ao CAN 2010. Um estádio... imaginem... funcional. Com bancadas, relvado e tudo. Quase uma afronta à nossa nostalgia pelos campos onde a bola quicava mais do que carreira política em ano eleitoral.

Um estádio moderno, com padrões internacionais. Uma verdadeira afronta ao nosso património cultural de improvisar infraestruturas e chamar-lhes “projeto piloto”.

Não satisfeito, participou na no estabelecimento da Academia da Namaacha. Como se formar talentos fosse uma prioridade. Como se preparar o futuro não estragasse o charme do imprevisto eterno, como se o futebol não dependesse exclusivamente do acaso, da inspiração divina e da frase clássica: “o miúdo joga muito na peladinha do bairro”.



(Continua na pág. seguinte)

(Continuação)

E, cereja no topo do bolo, ou melhor, espinho na minha paciência, criou parcerias com outras federações que permitiram bolsas de estudo para formar quadros que hoje ocupam cargos seniores na FMF. Ou seja, o homem não só trabalhou como ainda teve o desplante de deixar gente preparada para continuar a trabalhar. Uma irresponsabilidade estratégica.

Isto devia ser considerado sabotagem.

Levou os Mambas ao CAN em Angola. Depois saiu. E teve a distinta falta de educação de regressar e levar os Mambas outra vez ao CAN. Isto já não é currículo. É perseguição sistemática aos holofotes nacionais.

E como se não bastasse, herdou, com aquela mania irritante de dar continuidade ao que funciona, o trabalho do Presidente Alberto Simango Júnior nas camadas de formação e foi buscar o título regional Sub-20.

Quem não se lembra daquela insuportável cena dele a sair do avião com a taça, exibindo-a como uma criança com brinquedo novo? Aquilo foi um atentado à modéstia nacional.

Aquilo foi um golpe baixo. Um homem público não devia demonstrar felicidade genuína.

Fica mal nas redes sociais e dá inveja a nós.

Depois veio aquele detalhe quase insignificante: vice-campeão africano de futebol de praia. APENAS O MAIOR FEITO DO FUTEBOL MOÇAMBICANO.

Nada de especial. Apenas finalistas continentais. Coisas que naturalmente devem ser tratadas com a mesma emoção com que comentamos o estado do tempo.

Só um vice-campeonato africano.

Coisas que claramente deviam passar despercebidas, como passam os elogios ao Abnero Ussaca, O ÚNICO treinador com um título africano em futebol para Moçambique, convenientemente esquecido, porque nós temos um talento raro para arquivar heróis na gaveta do “já passou.

E, curiosamente, o Abnero Ussaca vai sendo lembrado com aquela consistência com que lembramos aniversários de primos afastados: quando o Facebook nos avisa.

Somos um país com uma capacidade extraordinária de transformar heróis em rodapés históricos.

Os heróis de Senegal, vice-campeões africanos, também vão sendo guardados naquela prateleira poeirenta e invisível onde arquivamos conquistas enquanto discutimos teorias tácticas baseadas em vídeos partilhados no WhatsApp.

Sidat ainda teve a ousadia de conquistar um terceiro lugar regional no futebol feminino. Porque aparentemente ele acredita que o futebol não tem género... tem resultados.

Uma visão perigosamente moderna.

Quando a crise dos Gonçalves abalou a selecção, enquanto o país produzia pareceres técnicos em grupos de WhatsApp e análises científicas baseadas em emoções, Sidat ficou acordado quase 32 horas à procura de um seleccionador.

Na altura, o meu cunhado e Presidente do Comité Olímpico, Aníbal Manave, aconselhava com aquela lucidez científica e precisão sociológica: “Escolham um branco para esses miúdos respeitarem.” O detalhe curioso, quase humorístico, é que os Gonçalves... eram brancos. A sociologia moçambicana às vezes dá uns dribles sem bola.

A ironia, às vezes, faz marcação homem-a-homem à lógica.

Os nomes surgiam como candidatos a concurso público: João Chissano, meu amigo e colega de turma; Chababe, defendido com fé quase religiosa pelo meu irmão e amigo Quinito Júnior; Arnaldo Salvado; e mais sete nomes que fariam inveja a qualquer shortlist ministerial.

O passado de cada um foi passado, com todo o respeito pelo trocadilho inevitável, a pente fino.

A lista encurtou.

até surgir o nome do dito cujo...

Chiquinho Conde estava livre. E Sidat fez aquilo que em Moçambique costuma gerar desconfiança: avaliou, ponderou e

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação)

decidiu: ESCOLHEU CHIQUINHO CONDE.

Contratou-o. E criou condições para ele trabalhar.

Para ele e para nove seleções nacionais. Nove. Este homem só pode ser um Sheik logístico.

Move seleções como quem move peças de xadrez e ainda acorda todos os dias com energia suficiente para mais uma reunião.

Mais parece estar a gerir uma holding Académica.

Só tenho pena da esposa, que, com um sorriso diplomático, costuma dizer que o futebol é a rival mais consistente do seu casamento.

Depois veio outra heresia estratégica: procurar jogadores moçambicanos na diáspora. Foi buscá-los como quem faz repatriamento emocional da qualidade futebolística. Trouxe Guima, Alfonso, Pepo, Diogo Calila e companhia. Um verdadeiro contrabando de talento autorizado.

Porque, como dizia: o seleccionador só tem cinco dias para trabalhar com os jogadores antes dos jogos, e cinco dias em futebol moderno é basicamente o tempo necessário para marcar a reunião que vai decidir quando será marcada a próxima reunião.

Mas não há volta a dar. Os clubes só cedem os jogadores no limite.

E Sidat decidiu que cinco dias podiam ser suficientes... desde que os jogadores fossem bons.

E os resultados começaram a aparecer. Presidente e seleccionador foram desenhando um novo paradigma para os Mambas.

Ainda não conquistámos quase nada, e é importante dizer isto com humildade e com memória histórica.

O nosso percurso ainda está longe de ser dominante.

Se queremos ser uma grande nação desportiva, que honra as suas lendas, com Lurdes Mutola à cabeça do pelotão da inspiração, não podemos medir o nosso sucesso a partir do fundo da tabela emocional.

Não podemos celebrar ser os menos piores.

O nosso histórico ainda tem mais capítulos de sofrimento do que de glória

Temos de ambicionar ser os melhores... ou pelo menos dar muito trabalho a quem acha que é.

Celebremos a primeira vitória num CAN, sim. Mas que seja celebrada como início de uma cultura, não como milagre estatístico. Porque, sejamos honestos, talvez, e sublinho talvez, para manter a tradição nacional do “se”, sem algumas greves e turbulências internas, essas vitórias poderiam ter chegado mais cedo. TALVEZ!

Não esqueçamos: somos vice-campeões africanos de futebol de praia, campeões da COSAFA Sub-20 e terceiros classificados da COSAFA em femininos. Isto não são opiniões. São factos. E factos, como sabemos, têm esse defeito irritante de não caberem em narrativas de cálculo.

Os Mambas estão a trilhar um caminho. E caminho não se faz com análises inflamadas, faz-se com trabalho consistente e, sobretudo, com união dentro daquele grupo que representa o país.

A nossa relação com os Mambas, com Sidat e com Chiquinho é um romance complicado, típico moçambicano: amamos odiá-los quando perdemos e odiamos amá-los quando ganhamos e nos obrigam a acreditar.

As querelas entre lideranças não fazem bem a uma nação que já se divide por tudo, desde política até à melhor maneira de descascar manga.

Num país onde até os mediocres discursam com autoridade e os incompetentes falham com uma elegância quase coreografada e em directo, talvez esteja na hora de os bons saírem do silêncio confortável e entrarem em campo.

Porque quando os bons recuam, o país joga em inferioridade numérica.

E nós sabemos muito bem o que acontece quando Moçambique joga com menos um.

COMO CRIAR O MAIOR CAOS POSSÍVEL EM 30 SEGUNDOS...



Há qualquer coisa de poeticamente trágico na forma como exercemos a nossa democracia na Avenida Marginal, na Cidade de Maputo. É uma democracia tão inclusiva que todos participam: o cidadão que estaciona em segunda e terceira fila, o que transforma a faixa de rodagem em sala de jantar, o que decide que o passeio é seu estacionamento VIP, o vendedor improvisado que monta uma barraca entre os carros e, claro, o assaltante que aproveita o engarrafamento para fazer aquilo que o urbanismo e a educação pública aparentemente desistiram de fazer: interagir directamente com o contribuinte.

A marginal deixou de ser um espaço de ar fresco para se transformar numa assembleia nacional a céu aberto com o cheiro mesclado de xixi e álcool, onde cada um legisla conforme o humor, a pressa e o volume da buzina. É o verdadeiro exercício da liberdade individu-

al, essa nobre arte de fazer exactamente o que apetece, sobretudo quando prejudica todos os outros.

A avenida marginal transformou-se, oficialmente, no maior laboratório anti-democrático do país. Na marginal, cada cidadão é um legislador independente, um urbanista autodidata e, em alguns casos, um candidato espontâneo ao prémio “COMO CRIAR O MAIOR CAOS POSSÍVEL EM 30 SEGUNDOS”.

Ali, parar em segunda fila não é infração, é participação cívica. Estacionar no passeio não é falta de educação é empreendedorismo territorial. Circular na contramão não é desordem, é inovação rodoviária. A marginal tornou-se o único espaço onde o improvisado é tratado como política pública.

E quando chega o calor... ah, o calor. Esse grande mobilizador nacional. O termómetro sobe dois graus e automaticamente activa-se o decreto invisível mais respeitado da cidade: “A praia é nossa”. Não importa como, nem quantos, nem onde se estaciona. O importante é ocupar território, instalar geleiras, montar colunas de som, grelhar esperança e transformar cada metro quadrado em propriedade emocional individual.

O resultado é um desfile desastroso de carros que avançam à velocidade de um pensamento preguiçoso, enquanto milhares de cidadãos exercem o sagrado direito constitucional de ignorar qualquer noção de organização. A marginal vira estacionamento, vira praça, vira feira, vira sala de convívio e, claro, vira também balcão de atendimento para assaltantes que agradecem, comovidos, a oportunidade de trabalhar num ambiente onde os clientes permanecem parados, suados e com os vidros semi-abertos.

O engarrafamento, por sua vez, deixou de ser um problema e passou a ser um evento social. Pessoas convivem, partilham buzinas, trocam insultos multilíngues e oferecem aos assaltantes uma experiência de atendimento personalizado.

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação)

Porque nada demonstra melhor a solidariedade urbana do que um cidadão parado, cercado por carros, enquanto alguém do lado de fora decide fazer uma auditoria surpresa aos seus bens pessoais.

Os assaltos que se multiplicam durante os engarrafamentos não são apenas actos criminosos; são quase o relatório final de uma cadeia de uma desordem cuidadosamente construída ao longo dos anos. São o aplauso irónico de uma cidade que foi crescendo sem bússola, sem disciplina colectiva e, muitas vezes, sem autoridade visível que recorde que viver em sociedade implica mais do que partilhar o mesmo caos geográfico.

Quanto à postura camarária... essa entidade mítica que supostamente regula o uso do espaço público... suspeita-se que tenha ido para um retiro num museu, entre fósseis administrativos e planos urbanos escritos com optimismo excessivo. Há quem diga que ela existe. Outros juram que já a viram num passado não muito distante.

Mas o mais impressionante é o nosso talento colectivo para aceitar o absurdo com uma serenidade quase espiritual. O cidadão já não se pergunta “como é isto possível?”. Agora é: “Será que já bloquearam?”.

Mas há um pequeno detalhe que insiste em estragar a festa: o caos tem o péssimo hábito de crescer. Ele não se contenta em ser desconfortável. Ele quer tornar-se permanente. E quando uma cidade começa a tratar a desordem como património cultural, corre o sério risco de, um dia, não conseguir distinguir entre liberdade e libertinagem.

Mas convém lembrar que o caos também tem prazo de validade. Chega um momento em que a desordem deixa de ser incómoda e passa a ser estrutural. E quando uma cidade aceita o vandalismo, a falta de civismo e o colapso do planeamento como rotina, começa lentamente a traçar o seu próprio futuro. Foi assim que tudo começou na Avenida Guerra Popular. O mais curioso é que já houve quem sonhasse diferente. Quando se decidiu construir a estrada circular que permitiu ampliar a marginal, muitas vezes levantaram-se contra o tal visionário inconveniente que ousou imaginar que a cidade poderia, pasme-se, crescer com mobilidade. Houve indignação, houve discursos inflamados, houve especialistas instantâneos em planeamento urbano e, provavelmente, até quem tivesse saudades antecipadas das estradas afuniladas e dos engarrafamentos tradicionais.

Mas o tempo passou, a estrada surgiu, a mobilidade melhorou... e quando o sonho mostrou que podia continuar a crescer, decidiu-se fazer o mais coerente possível com a nossa tradição administrativa: cortou-se o sonho pela raiz e ofereceu-se, com generosidade quase poética, os terrenos que poderiam permitir novas ampliações da via. Porque planear o futuro é importante, mas inviabilizá-lo a tempo é uma arte que poucos dominam com tanta consistência.

Planear a longo prazo exige sacrifício e compromisso e para isso acontecer é necessário coragem, e coragem é um recurso orçamental raramente aprovado.

Talvez ainda estejamos a tempo de perceber que democracia não é cada um por si, urbanismo não é um luxo opcional e respeito pela via pública não é um favor, é a base mínima de sobrevivência colectiva. Porque, se continuarmos a tratar o descontrolo como tradição cultural, um dia vamos olhar para trás e perceber que não perdemos apenas a marginal.

Perdemos o controlo da própria cidade.

E nessa altura, reclamar já não será um direito democrático... será apenas um certificado de incompetência cravado com um prego nas nossas testas.

E escutaremos, sem capacidade de reagir, a pergunta de Pieter Botha, antigo dirigente sul-africano a ecoar no alto: OS PRETOS SERÃO CAPAZES DE SE GOVERNAREM ?



tv cabo

**Tu
escolhes!**



TV + NET + VOZ

Dicca Opinião

Quando o corpo fala: artes cénicas, origem e sentido



José Balate

Há muito antes do papel, da imprensa ou das redes sociais, o ser humano já comunicava. Comunicava com o corpo, com a voz, com o ritmo e com o gesto. Reunia-se em torno do fogo, imitava a caça, dramatizava o medo, celebrava a colheita e transformava o quotidiano em representação. É nesse ponto inicial da história humana que nascem as artes cénicas.

Chamar-lhes artes é reconhecer nelas intenção, estética e significado. Chamar-lhes cénicas é admitir a existência de um espaço — físico ou simbólico — onde algo é apresentado a alguém. As artes cénicas são, assim, todas as formas de expressão artística que acontecem diante de um público e no tempo presente: teatro, dança, performance, canto encenado, rituais dramatizados. São artes vivas, efêmeras, irrepetíveis.

Ao contrário de outras expressões artísticas, as artes cénicas não sobrevivem sem o corpo humano. O corpo é o primeiro instrumento, a primeira linguagem, o primeiro palco. Antes de qualquer técnica, ele carrega memória, emoção, identidade e intenção. Por isso, as artes cénicas são também uma forma profunda de comunicação social: dizem quem somos, como pensamos e como nos organizamos enquanto comunidade.

Nas sociedades tradicionais, muito antes de existirem salas de espectáculo, o acto de representar estava ligado ao

sagrado, ao ritual e à sobrevivência colectiva. Dançar não era entretenimento; era invocar chuva, agradecer aos antepassados, preparar o guerreiro ou ensinar aos mais novos as regras do grupo. Representar era ensinar, proteger e perpetuar a memória.

Com o passar do tempo, as sociedades transformaram-se e as artes cénicas acompanharam essa mudança. Do ritual comunitário passou-se, gradualmente, ao espectáculo. O teatro grego introduziu a ideia de palco e de público organizado. A Idade Média levou a representação para as praças. A modernidade profissionalizou o artista e institucionalizou o espectáculo. Mas, apesar das mudanças de forma, a essência manteve-se: comunicar através da presença.

É por isso que as artes cénicas continuam a ser um instrumento poderoso nos nossos dias. Num mundo saturado de imagens rápidas e mensagens descartáveis, o corpo presente, a voz ao vivo e o olhar directo continuam a provocar impacto.

No palco, não há filtros nem edições. Há verdade, mesmo quando se trata de ficção.

Enquanto observador — e também participante ocasional deste universo — interessante olhar para as artes cénicas não apenas como expressão artística, mas como fenómeno social. Elas revelam tensões, desigualdades, sonhos e conflitos. Muitas vezes dizem aquilo que não cabe nos discursos oficiais. Outras vezes preservam o que a pressa do tempo tenta apagar.

Falar de artes cénicas é, por isso, falar de identidade, de poder e de resistência. É falar de quem tem voz e de quem luta para ser ouvido. É falar de memória e de futuro.

Esta crónica inaugura uma série dedicada às artes cénicas, com especial atenção ao contexto moçambicano. Nas próximas semanas, viajaremos pelas suas origens, pelo seu desenvolvimento histórico, pela sua importância na comunicação social e cultural, até chegarmos à realidade actual em Moçambique: os seus de-

saífos, os seus silêncios e, sobretudo, os seus protagonistas incontornáveis.

Não se trata de um exercício académico, nem de uma listagem exaustiva. Trata-se de uma conversa contínua com o leitor, feita a partir da observação, da escuta e da experiência. Uma tentativa de compreender como o palco — seja ele formal ou improvisado — continua a ser um espelho da sociedade.

Porque enquanto houver corpo, voz e alguém disposto a assistir, as artes cénicas continuarão a existir. E enquanto existirem, continuarão a dizer muito sobre nós.

Elas revelam tensões, desigualdades, sonhos e conflitos. Muitas vezes dizem aquilo que não cabe nos discursos oficiais. Outras vezes preservam o que a pressa do tempo tenta apagar.

DÁ UM ZAAAP PARA AS MELHORES FESTAS DO ANO!



NESTE VERÃO AUMENTA A DIVERSÃO!

ZAP BOX
1450MT
1735MT

+ KIT DE INSTALAÇÃO
1750MT
2236MT

+ 30 DIAS DO PACOTE MINI!

ACTUAIS CLIENTES TAMBÉM **GANHAM OFERTA!**



REGISTO
019/GABINFO
- DEPC/2005

PERIODICIDADE
Semanal

TIRAGEM
Electrónica

PROPRIEDADE:
DICCA, Publicidade
e Marketing
Travessa do Varietá
Nº 21-57 - R/C
M A P U T O

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO
Samuel Malumbe

EDIÇÃO
ESFÉRICO

REDACÇÃO
Jeremias Licumbe
Jonas Machava (Fotógrafo)

COLABORAÇÃO
Sérgio Dzimba
Matos Matosse
Gustavo Mavie
José Balate

REVISÃO
ESFÉRICO

MAQUETIZAÇÃO
H. Hauze

SABIA QUE...

Somos povoados por bactérias

Existem mais bactérias no seu organismo do que pessoas em toda a face da Terra. Há aproximadamente 100 triliões delas vivendo no nosso corpo.

As pegadas dos astronautas ainda estão na Lua

Décadas depois do Programa Apollo, ainda é possível seguir os passos dos astronautas que pisaram na Lua. Isso porque na Lua não há atmosfera - portanto, não existe a possibilidade de ocorrer erosão pelo vento ou pela chuva.

As bandeiras dos EUA também estão lá

Fotos tiradas em 2009 pelo Orbitador de Reconhecimento Lunar (LRO), uma sonda enviada pela Nasa para monitorar a Lua, provam que as 6 bandeiras deixadas por astronautas norte-americanos entre 1969 e 1975 continuam lá. Mas devido à acção dos raios ultra-violetas, estão completamente desbotadas.

Somos o vazio

Temos cerca de 7 octilhões de átomos no nosso corpo. Cada átomo, a unidade básica da matéria, contém um núcleo maciço e denso rodeado por electrões. Acontece que o núcleo é bem pequeno em relação ao tamanho do átomo. Por exemplo: se o núcleo fosse do tamanho de uma bola de ténis, os electrões estariam a 500 metros de distância dele! Assim, a maior parte de um átomo é espaço vazio.

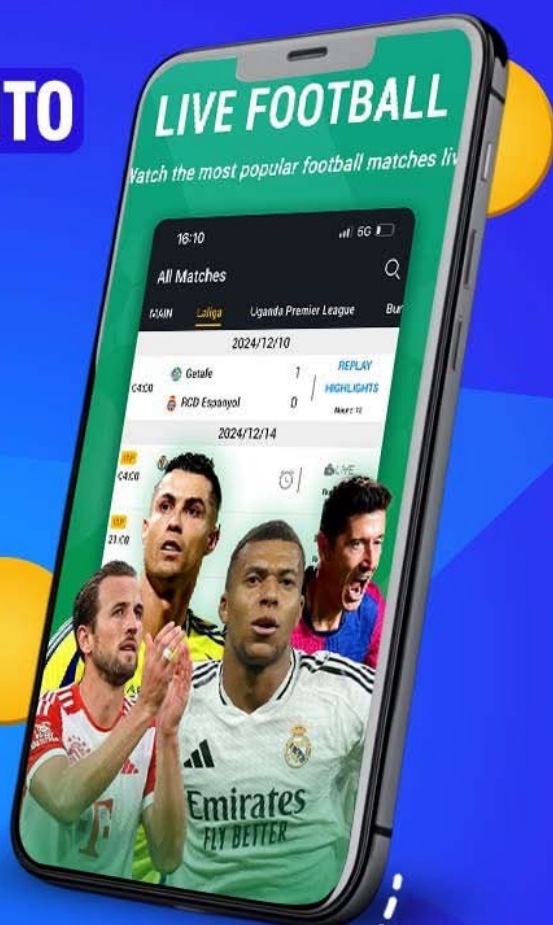
O cérebro de Einstein ainda está entre nós

O cérebro de Albert Einstein (1879-1955), o maior físico de todos os tempos, não pereceu. Ele se mantém conservado até hoje numa solução de etanol e álcool etílico. Cientistas já estudaram o órgão a fim de encontrar explicações para a genialidade de Einstein, mas até hoje nada de especial foi descoberto

SEU DESPORTO FAVORITO NA PALMA DA MÃO

Acompanhe todas ligas
da StarTimes, através do App.

  **BAIXE StarTimes ON**






StarTimes
DIVIRTA-SE COM A VIDA DIGITAL



WWW.UNISCED.EDU.MZ

+258 84 0943 449

   @uniscedmz

Ter a sua
sala de aula é

#maisprático
onde quiser



ENSINO ONLINE,
ENSINO COM FUTURO.

Divirta-se em Família
no Pacote Acima!



Recarregue o pacote actual
assista o Pacote Acima

Se o teu **Pacote Actual é NOVA**
Recarregue o mesmo e assista o **PACOTE BÁSICO** ou **SMART**

Campanha válida até 15 de Janeiro de 2026 | Termos e condições aplicáveis

 82 217 1400



StarTimes ON                                        

**FAÇA O SEU EVENTO, REUNIÃO OU CONFERÊNCIA
NUMA SALA CONFORTÁVEL, CLIMATIZADA
E ESTACIONAMENTO NA BAIXA DA CIDADE**

**CONTACTOS:
84 645 2701 / 82 828 8340**





com
gás

**Água da
Namaacha**

Água Mineral Natural Gaseificada
Sparkling Natural Mineral Water

Brochura da Lei da Família em banda desenhada



A LEI DE FAMÍLIA PREVÊ TRÊS REGIMES DE BENS A SABER: REGIME DA COMUNHÃO DE BENS ADQUIRIDOS; REGIME DA COMUNHÃO GERAL DE BENS E O DA SEPARAÇÃO DE BENS.

O MEU NOIVO DIZ QUE O NOSSO CASAMENTO VAI SER EM REGIME DE SEPARAÇÃO DE BENS, EU QUERO O DA COMUNHÃO, SIBANHÔNI!

LINGA WARI, HI TA MU MINTISSA A RIMINTSU! ÉLE VAI CASAR EM COMUNHAUS! (NÃO TE PREOCUPES, HÁ UMA RAIZ QUE O FARÁ ACEITAR O QUE TU QUERES)



TRATANDO-SE DO REGIME DE SEPARAÇÃO DE BENS, CADA UM DOS MEMBROS DO GASAL É DONO ABSOLUTO DOS BENS ANTERIORES E POSTERIORES AO CASAMENTO.

GUNGU STUDIO

OLGA MATA

15:30H

GTV É MAIS FELIZ QUEM ASSISTE

GUNGU STUDIO

RENA

15:30H

GTV É MAIS FELIZ QUEM ASSISTE

GUNGU STUDIO

SHELTON MARTINS

15:30H

GTV É MAIS FELIZ QUEM ASSISTE